

O conhecimento etnoentomológico do cavalo-do-cão (Hymenoptera, Pompilidae) no povoado de Pedra Branca, estado da Bahia, Brasil

*Eraldo Medeiros Costa Neto*¹

THE ETHNOENTOMOLOGICAL KNOWLEDGE OF THE SPIDERWASP
(HYMENOPTERA, POMPILIDAE) IN THE COUNTY OF PEDRA BRANCA,
BAHIA STATE, BRAZIL

ABSTRACT: This paper deals with the ethnoentomology of insects generically known as spider wasps (Hymenoptera, Pompilidae) as perceived by the dwellers of the county of Pedra Branca, which is located in the state of Bahia, northeastern Brazil. Fieldwork was carried out from February to May 2001 by performing open-ended interviews with 16 men and 13 women, which ages ranged from 30 to 108 years old. Interviews were done based on a balanced emic-etic approach. Results show that individuals use to gather pompilids and sphecids under the label "spider wasp". Interviewees have provided some aspects related to the ethnotaxonomy, behavior, reproduction, and food ecology of pompilids. The most commented and best known of the spider wasps' habit refers to the performance of these insects upon hunting spiders. It is concluded that the traditional entomological knowledge of Pedra Branca's inhabitants concerning these insects is rationally coherent with the academic entomological knowledge.

Key Words: Ethnoentomology, spider wasp, Pompilidae, Brazil.

INTRODUÇÃO

Os insetos, grupo animal numericamente dominante, causaram e continuam a causar um certo impacto sociológico nas diferentes culturas humanas não somente pela variedade quase infinita de cores, formas, tamanhos, modos de vida e

¹Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, Km 03, BR 116, 44031-460, Feira de Santana, Bahia, Brasil. eraldont@uefs.br

sons que produzem, mas principalmente pelas epidemias disseminadas que muitas vezes influenciaram o curso da história humana (HOGUE, 1987). Apesar disso, esses organismos ainda são insuficientemente investigados no que se refere ao modo como são percebidos, classificados, conhecidos e utilizados pelas populações humanas (JARA, 1996), sendo geralmente considerados recursos marginais nos estudos sobre os usos dos vários recursos disponíveis (NONAKA, 1996).

Parafraseando ELLEN (1997), pode-se dizer que o conhecimento entomológico tradicional (CET) é resultado de gerações de experiências acumuladas, experimentação e troca de informação. BLAKE & WAGNER (1987) chamam a atenção dos entomólogos para a importância desse conhecimento como uma fonte significativa de informações sobre as espécies, seu ciclo de vida e seu comportamento. O conhecimento dos Maya Tzeltal sobre as larvas de escaravelhos da subfamília Melolonthinae, por exemplo, pode ser muito útil para desenvolver estratégias de manejo para esses insetos, uma vez que eles são a principal causa de perdas de grãos, verduras, frutas e flores na área de Chiapas, México (GÓMEZ *et al.*, 2000).

Considerando-se o grupo dos Pompilidae (= Psammocharidae), himenópteros aculeados conspícuos devido ao comportamento de predação de aranhas, podia-se esperar que tivessem uma maior representatividade cultural. No entanto, embora estejam distribuídos em todo o mundo, com cerca de cinco mil espécies classificadas em aproximadamente 120 gêneros (WASBAUER, 1995), há muito pouca informação sobre a interação cultural que os seres humanos mantêm com as espécies de Pompilidae com as quais convivem e interagem.

Com o objetivo de contribuir para o estudo etnoentomológico do grupo, o presente artigo apresenta a percepção e as atitudes que os moradores do povoado de Pedra Branca têm sobre o cavalo-do-cão, tendo como base a etnoecologia abrangente de MARQUES (2002). Segundo este autor, "Etnoecologia é o campo de pesquisa (científica) transdisciplinar que estuda os pensamentos (conhecimentos e crenças), sentimentos e comportamentos que intermediam as interações entre as populações humanas que os possuem e os demais elementos dos ecossistemas que as incluem, bem como os impactos ambientais daí decorrentes".

METODOLOGIA

Os dados aqui apresentados fazem parte de um estudo mais amplo, cujo objetivo foi registrar a etnoentomologia dos moradores do povoado de Pedra Branca (COSTA NETO, 2003). Este povoado se localiza na região centro-oeste do estado da Bahia, nas coordenadas 12°44'30''S e 39°34'50''W. Dista 202 Km da capital, Salvador, e cerca de 13 Km do município de Santa Terezinha, ao qual pertence, localizando-se no sopé da Serra da Jibóia.

A população residente no município, em 1991, era de 8.851 habitantes (CENTRO DE ESTATÍSTICA E INFORMAÇÕES, 1994). No povoado de Pedra Branca, a população atual é de aproximadamente 400 indivíduos (são cerca de 80 famílias, segundo a Agente de Saúde local) que têm no cultivo da mandioca (*Manihot esculenta* Crantz., Euphorbiaceae) sua principal atividade econômica. A pecuária também é importante, principalmente os rebanhos bovino e caprino.

O trabalho de campo foi desenvolvido no período de fevereiro a maio de 2001, totalizando-se 64 dias de convivência. Os dados foram obtidos mediante realização de entrevistas abertas (conversações livres) e semi-estruturadas (baseadas em uma lista de tópicos previamente escolhidos), recorrendo-se às técnicas usuais de registro etnográfico. As entrevistas foram feitas seguindo-se preceitos etnocientíficos com enfoque emicista-eticista balanceado (STURTEVANT, 1964). Uma sessão durava, em média, cerca de uma hora. O universo amostral foi constituído de 16 homens e 13 mulheres, cujas idades variaram de 30 a 108 anos. Esse número reflete apenas aqueles entrevistados que forneceram informações sobre o cavalo-do-cão.

Os objetivos da pesquisa eram explicados de maneira clara no início de cada nova entrevista, perguntando-se aos moradores se consentiam em prestar informações e serem eventualmente fotografados. Poucos foram os casos em que o indivíduo não quis participar, respeitando-se sua decisão. As entrevistas ocorreram em contextos individuais e coletivos, buscando-se sempre registrar as impressões nativas sobre o inseto. A maior parte das entrevistas foi registrada em fitas micro-

cassetes. As transcrições semiliterais encontram-se depositadas no Laboratório de Etnobiologia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Os dados foram analisados segundo o modelo de união das diversas competências individuais (MARQUES, 1991). Segundo este modelo, toda informação pertinente ao assunto pesquisado é considerada. Os controles foram feitos através de testes de verificação de consistência e de validade das respostas (MARQUES, 1991), recorrendo-se a entrevistas repetidas em situações sincrônicas e diacrônicas. As primeiras ocorrem quando uma mesma pergunta é feita a pessoas diferentes em tempos bastante próximos e as segundas, quando uma pergunta é repetida à mesma pessoa em tempos bem distintos.

A realização de testes projetivos, os quais consistiram na apresentação de espécimes coletados aos informantes, ajudou a registrar as impressões nativas sobre o cavalo-do-cão. Os espécimes coletados foram processados conforme os padrões usuais de coleções para museus e depositados no acervo da coleção de entomologia da UEFS.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No sistema de classificação local, os insetos genericamente conhecidos como cavalo-do-cão incluem representantes das famílias Pompilidae e Sphecidae, registrando-se apenas três tipos: caçador, cavalo-do-cão-da-asa-branca e cavalo-do-cão-preto. Esses insetos geralmente são identificados como uma formiga ("Ele é igual à tanajura, só que ele tem aquelas duas asas e é mais preto e mais comprido", Dona E., 52 anos), um besouro ("É um besouro cheio de perna", Seu M., 68 anos) e um marimbondo ("É um tipo de marimbondo", Seu E., 80 anos). Esse modo de categorizar pompilídeos e esfecídeos resulta de sua semelhança morfológica com esses outros insetos (com exceção do besouro, que é um termo freqüentemente usado para denotar menosprezo) e pelos efeitos advindos de sua ferroada. A identificação com formigas também ocorre porque se acredita que a formiga-luíza-doida (provavelmente *Prenolepis longicornis* Latr., 1802), ao se tornar alada, transforma-se em um cavalo-do-cão.

O caçador, que é “preto da asa amarela e caça grilo” (Seu F., 40 anos), foi considerado como o cavalo-do-cão verdadeiro provavelmente pelo hábito de “farejar e andar muito rápido” (Seu A., + 40 anos). Trata-se, na verdade, de um representante da família Sphecidae cujo comportamento predatório é parecido com o dos pompilídeos. Algumas espécies chegam mesmo a mimetizar o comportamento desses últimos no hábito que eles têm de agitar nervosamente as asas enquanto procuram presas no chão. Tal comportamento é uma característica diagnóstica do grupo (HANSON & GAULD, 1995). Alguns Ichneumonidae também apresentam esse hábito (BORROR & DELONG, 1988).

Informações sobre o hábito alimentar do cavalo-do-cão foram registradas. Dentre as presas que o inseto consegue obter, segundo os entrevistados, incluem-se: aranhas-caranguejeiras, lagartas, grilos, gafanhotos e formigas. Também citaram o uso trófico de folhas, frutas e “mel das flores” (néctar). A literatura diz que pompilídeos adultos de ambos os sexos são comumente vistos nas flores coletando néctar, enquanto que somente as fêmeas procuram presas, exclusivamente aranhas, que elas paralisam com a peçonha e enterram em ninhos (células) subterrâneos ou em cavidades existentes na madeira para servirem de alimento às larvas (HOGUE, 1993). Também há registros de pompilídeos se alimentando de nectários extraflorais e da melada (excremento doce e aguçado) produzida por insetos (WASBAUER, 1995). Além disso, fêmeas de algumas espécies absorvem hemolinfa que escoam das aranhas capturadas. Por exemplo, *Anoplius (Notiochares) lepidus* Say, 1836 é visitante assíduo de flores e também captura aranhas especificamente para se alimentar delas (WASBAUER, 1995).

O hábito mais comentado e melhor conhecido dos entrevistados refere-se justamente à atuação desses insetos na caça a aranhas. (Na região da Serra da Jibóia foram coletados espécimes do gênero *Acanthoscurria*). Em Pedra Branca, o confronto do cavalo-do-cão com a caranguejeira serve de metáfora quando alguém quer se referir a brigas entre indivíduos. No Nordeste, são comuns as expressões populares “virar cavalo-do-cão” e “meter-se a cavalo-do-cão” para se referirem ao comportamento de indivíduos violentos (LENKO & PAPAVERO, 1996).

Os entrevistados assim descreveram a interação do cavalo-do-cão com a caranguejeira:

“É o pior [...]. É o que mata aranha. Não tem quantidade de aranha que ele não pegue. Você vê que a aranha, que a caranguejeira tem o veneno arruinado. A caranguejeira tem veneno igualmente cobra. Ele vai e mata a caranguejeira e carrega sei lá o que for. Ele mata e leva pra dentro do buraco. Acho que lá, eu acho que não é pra comer. Ele transmite, transmite outro cavalo-do-cão. Transmite que eu já vi. Um dia eu desmanchei uma casa de um. Carregou pra um dentro do buraco. Aí, eu desmanchei a casa. Ali eu vi uma parte da, uma cabeça de cavalo-do-cão e outra, o resto de aranha que já tava virando, já tava transformando. Ele carrega pra transformar outro cavalo-do-cão. E eu pensei que era pra comer. Né não. É pra transformar outro. Agora, eu não sei como é o sistema. O bicho é marvado” (Seu A., + 30 anos).

“[...] por que motivo se ele é mais poderoso do que uma caranguejeira? Acho que é porque ele chega a vencer ela. [...]. Chegou um ponto de ele hoje, por exemplo, chegou, pegou ela e matou. Aí, carregou pra distante assim. Eu tô trabalhando. Depois, eu meio curioso, fui ver. Quando chego lá, ele já tinha cavado o sento. Daqui a pouco, ele foi puxando ela. Foi, foi, foi, foi, levou lá pro sento do buraco. Fechou. Eu também não quis mexer. Quando foi com três dias, eu terminei de fazer já a limpa da roça. Aí, eu me lembrei daquele, do que tinha acontecido com o cavalo-do-cão e a caranguejeira. Que quando eu chego lá, no sento tinha, já tinha quatro filhos. E ela só tava o caroço. Quer dizer, ali eu acho que ele se alimenta dela e depois dá força pra gerar os filho dele. Os filhote, quando eles sai, sai natural. Porque, por exemplo, ele é azulzinho quando ele tá andando. É azul e tem dois cabelo amarelo, não é? Mas esses filhotinho tava natural porque tava novinho, não tava de cor ainda não. Só que já tava vivo. É assim que ele gera o tempo inteiro. Pega as bicha, leva pra lá pra dentro do buraco. Chega lá, faz o ninho e volta e tapa. Agora, ele vai embora. Deve ser que aqueles filho, depois quando ele sai ali da cama, já sai por eles mesmo” (Seu E., 62 anos).

A literatura registra que para cada espécie de Pompilidae existe uma espécie determinada de aranha, visto que a peçonha parece ser relativamente específica (CHAPMAN,

1998), assim como há métodos especiais de caça para cada tipo de aranha (SANTOS, 1985). A peçonha geralmente é injetada dentro ou perto de um dos gânglios da corda nervosa ventral da presa, freqüentemente próximo a um dos gânglios torácicos. A paralisia pode ser temporária ou durar por muitos dias ou mesmo meses, mas eventualmente a aranha morre mesmo se não é consumida pela larva parasítica (CHAPMAN, 1998).

O modo como a fêmea prepara o ninho também foi descrito:

“Aí, quando eu chego lá, tava o cavalo-do-cão. O buraco é assim [...]. O que que ele fazia? Cavava, cavava, voltava, saía [...], se limpava todo. Depois que ele se limpava na terra pura assim, aí ele voltava na terra que tinha bagaço e ia e pegava um bagaço. Chegava ali, largava. Aí, ele voltava de novo. Fazia o barulho de novo dentro do buraco. E aí voltava, andava por ali tudo e pegava essa folha e trazia. [...]. Chegava aqui assim, ele deixava. Ninguém pode entender o segredo daquele bicho. Que ali aonde ele terminou de destruir, então o efeito tá ali que é os fio [...]. Ele volta e fecha no outro dia [...]. Que quando sai é aquele fecho dele. [...]. O que ele pega pra destruir é pra chegar o ponto da nação dele mesmo” (Seu E., 62 anos).

BECKER(1986) diz que quando o buraco atinge uma profundidade adequada, a fêmea entra e puxa a aranha para seu interior, agarrando-a nas mandíbulas pelas bases posteriores da perna e andando de costas. Algumas forram o buraco com folhas de árvore. O ritual de fechamento é uma verdadeira dança e se prolonga por horas. Quando o buraco está totalmente coberto e dissimulado, a fêmea realiza um ou dois vôos pelas proximidades, retornando ao local, mas depois o abandona definitivamente. Se a aranha subjugada é muito grande e não pode ser arrastada, a fêmea a cobre com folhas secas, deixando-a no local da captura. EVANS & YOSHIMOTO (1962) salientam que os pompilídeos mais generalistas, como os do gênero *Pepsis*, predam aranhas errantes capturando-as antes de construir o ninho. A fêmea freqüentemente examina sua presa para impedir que outra fêmea roube seu prêmio. Já as fêmeas de *Auplopus* constroem ninhos de lama elaborados (WASBAUER, 1995).

Ao eclodir, a larva encontra alimento “fresco” e em quantidade suficiente para o seu completo desenvolvimento, sendo esta quantidade representada sempre por uma única

aranha para cada larva (CARRERA, 1980). No início, as larvas evitam consumir órgãos essenciais, como o coração, para manter a aranha viva. Segundo as exigências alimentares da larva, se esta se desenvolver em um macho (sempre menor que a fêmea), então a aranha pode ser menor. Portanto, o sexo é determinado pela quantidade de nutrição oferecida (SANTOS, 1985).

No que se refere à sazonalidade do cavalo-do-cão, os entrevistados disseram que ele “tem todo o tempo” (Seu A., 74 anos). Uma moradora notou, contudo, que este inseto “gosta mais do verão” (Dona E., 52 anos).

Pelo menos um informante comentou sobre o cheiro que o inseto possui: “Isso aqui tem um cheiro de óleo de castanha. Você pode pocar essa castanha aqui e pocar ele, o cheiro é um só” (Seu M., 34 anos). Sabe-se que esses himenópteros, quando excitados pela luta com as caranguejeiras ou ameaçados, emitem um odor acre cuja função ainda é desconhecida (HOGUE, 1993).

Foi observado que os entrevistados geralmente se referiam ao cavalo-do-cão atribuindo-lhe certas características qualitativas negativas, tais como “valente”, “malvado”, “perigoso” e “venenoso”, as quais estão relacionadas com o poder pungitivo desses insetos: “Se morder não tem cura. Não sei qual é o pior, se é do preto ou da asa branca” (Seu A., 74 anos). Segundo os entrevistados, os sintomas que se seguem à picada incluem febre, dor de cabeça e formação de ínguas. Apenas as fêmeas possuem ferrão, sendo a picada mais dolorosa que a de um marimbondo comum e o inchaço persiste mais tempo (LENKO & PAPAVERO, 1996). Esses autores afirmam que os pompilídeos ferream o homem acidentalmente ou em defesa própria, o que corrobora pelo menos um dos entrevistados: “Ele só morde se a gente mexer nele” (Seu F., 60 anos).

Devido, talvez, ao tamanho conspícuo – a espécie *Pepsis heros* (Fabricius, 1798) mede 10cm de envergadura, com as asas abertas (SANTOS, 1985) – e ao efeito de sua peçonha, esses insetos figuram em muitos mitos indígenas. Por exemplo, os índios Miraña que vivem na Amazônia colombiana compararam os Pompilidae a um grande guerreiro capturando um inimigo que, fecundando-o, transforma-o nele mesmo (KARADIMAS, 2003). Esses insetos geralmente entram na com-

posição dos venenos de caça (misturados a outros ingredientes) e nos encantamentos xamânicos das tribos indígenas da Amazônia (CÉSARD *et al.*, 2003). Os Andoke denominam os pompilídeos de **saditau** ou **ikodo**; eles vêem como bruxaria o ato de injetar a peçonha nas presas. O inseto é protagonista em um mito que estabelece o “pagamento” ritual pela caça de uma onça: **ikodo** leva uma aranha (onça) à maloca de seu cunhado. Este não oferece nem sumo de tabaco nem coca; como castigo, o filho do dono da maloca é embruxado pelo espírito da onça e morre (JARA, 1996).

O poder sobrenatural dos pompilídeos revela-se até mesmo na denominação “cavalo-do-cão”: acredita-se que esses insetos servem de mensageiro do demônio, sendo útil como cavalgadura para o cão (LENKO & PAPAVERO, 1996). No interior do Brasil, eles são conhecidos pelas seguintes denominações: cabacaçadeira, cabra-caçadeira, caçadeira, caçador-de-aranhas, caçununguçu, come-aranha, come-cobra, marimbondo-caçador, marimbondo-cavalo, marimbondo-feiticeiro, marimbondo-mata-cavalo, mata-cavalo, vespa-caçadeira, vespa-caçadora, vespa-de-cobra e vespão (BUZZI, 1994). Marcgrave (1610-c.1644), em sua obra “*Libri Principis*”, denominou o inseto como Paipaiguaçú (ALMEIDA & CARVALHO, 2002).

Os usos mágico-ritual e medicinal de pompilídeos e esfecídeos foram registrados em Pedra Branca. Nos rituais de magia, eles são empregados na fabricação de feitiços: “Um rapaz [...] queria pegar sete cavalos-do-cão com mancha amarela para a sua mãe fazer feitiço” (Seu M., 36 anos). Na magia da caça, um esfecídeo deve ser torrado, pisado e o pó resultante deve ser colocado na comida ou misturado ao leite e dado ao cachorro de caça para que este recupere o sentido do faro. A utilização de insetos para melhorar o desempenho dos cães de caça parece ser uma herança indígena, sendo uma prática bastante comum em diferentes regiões do país e do exterior. LENKO & PAPAVERO (1996) registram a crença de que o cachorro perde o faro quando é mordido por cobra e se salva; para restituir-lhe o faro, coloca-se o pó de um marimbondo-caçador torrado na comida do animal. Às vezes, o pó é esfregado no focinho do cachorro. No estado de Alagoas, COSTA NETO (2000) registrou o uso de cavalos-do-cão (*Pepsis*) e de formigas Ponerinae para o mesmo fim.

No que se refere ao uso medicinal, o cavalo-do-cão foi indicado para o tratamento de “doença braba”. Tal fato, porém, necessita ser mais investigado, uma vez que o modo de preparar e de administrar o remédio não foi informado. No entanto, os usos mágico e medicinal de pompilídeos são comuns. No povoado Fazenda Matinha dos Pretos, localizado na região semi-árida do estado da Bahia, indivíduos costumam torrar as pernas desses insetos e preparar um chá com o pó resultante para o tratamento da asma (COSTA NETO, 2002a). Nesta mesma localidade, pompilídeos são um dos ingredientes que se usam para a elaboração da pomba-corredeira ou pomba-de-Exu, utilizada em malefícios (VEIGA, 2000 *in* COSTA NETO, 2002b).

De um modo geral, o conhecimento entomológico tradicional dos habitantes de Pedra Branca mostrou-se racionalmente coerente com o conhecimento entomológico acadêmico. Uma vez que os indivíduos estão agindo com base em motivos “racionais”, pode-se dizer que o conjunto de conhecimentos e crenças que constituem seu *corpus* etnoentomológico se caracteriza como um tipo de cognição que ANDERSON (1996) denominou de “quente” (*hot cognition*). Segundo este autor, quanto mais “quente” a cognição sobre um determinado objeto, mais os indivíduos tendem a pensar, conhecer, falar e agir sobre ele. E os moradores de Pedra Branca manifestam comportamentos, conhecimentos e atitudes notavelmente particulares com relação aos insetos.

O conhecimento entomológico tradicional dos moradores da região da Serra da Jibóia traduz-se em um recurso valioso que deve ser considerado tanto nos processos de desenvolvimento da região, como na possível transformação da área em algum tipo de Unidade de Conservação, quanto em estudos de inventário da fauna local.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece a todos os moradores participantes da pesquisa, por terem permitido o registro e a divulgação de seus conhecimentos tradicionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A.V. & P.F.F. CARVALHO. 2002. **Os insetos de Marcgrave (1610 - c.1644)**. Recife, UFRPE, 108 p.
- ANDERSON, E.N. 1996. **Ecologies of the heart: emotion, belief, and the environment**. Oxford, Oxford University Press, IX + 256 p.
- BECKER, C.J. 1986. Lendas e curiosidades sobre insetos: VI - as vespas (1ª parte). **Natureza em Revista**. 11:24-32.
- BLAKE, E.A. & M.R. WAGNER. 1987. Collection and consumption of pandora moth, *Coloradia pandora lindseyi* (Lepidoptera: Saturniidae), larvae by Owens Valley and Mono Lake Paiutes. **Bulletin of the Entomological Society of América**. 33(1):23-27.
- BORROR, J.D. & D.M. DELONG. . **Introdução ao estudo dos insetos**. São Paulo, Ed. Edgard Blücher, 653 p.
- BUZZI, Z.J. 1994. **Coletânea de nomes populares de insetos do Brasil**. Curitiba, J.Z. Buzzi, 230 p.
- CARRERA, M. 1980. **Entomologia para você**. São Paulo, Nobel, 185 p.
- CENTRO DE ESTATÍSTICA E INFORMAÇÃO. 1994. **Informações básicas dos municípios baianos: recôncavo sul**. Salvador, Governo do Estado da Bahia, XX + 761 p.
- CÉSARD, N.; J. DETURCHE & P. ERIKSON. 2003. Les insectes dans les pratiques médicinales et rituelles d'Amazonie indigène, 395-406. In: E. MOTTE-FLORAC & J.M.C. THOMAS (Eds.). **Les insectes dans la tradition orale**. Paris, Peeters-Selaf, VIII + 633 p.
- CHAPMAN, R.F. 1998. **The insects: structure and function**. Cambridge, Cambridge University Press, XVII + 770 p.
- COSTA NETO, E.M. 2000. **Introdução à etnoentomologia: considerações metodológicas e estudo de casos**. Feira de Santana, UEFS, 131 p.
- COSTA NETO, E.M. 2002a. The use of insects in folk medicine in the state of Bahia, northeastern Brazil, with notes on insects reported elsewhere in Brazilian folk medicine. **Human Ecology**. 30(2):245-263.
- COSTA NETO, E.M. 2002b. Manual de etnoentomología. **Manuales & Tesis SEA**. 4:1-104.
- COSTA NETO, E.M. 2003. **Etnoentomologia no povoado de Pedra Branca, município de Santa Terezinha, Bahia. Um estudo de caso das interações seres humanos/insetos**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos. 251p.
- ELLEN, R.F. 1997. Indigenous knowledge of the rainforest: perception, extraction and conservation. Disponível em: <<http://www.lucy/ukc.ac.uk/Rainforest/malon.html>>. Acesso em: 06 fev. 1997.
- EVANS, H.E. & C.M. YOSHIMOTO. 1962. The ecology and nesting behavior of the Pompilidae (Hymenoptera) of the Northeastern United States. **Miscellaneous Publications of the Entomological Society of America**. 3:67-119.
- GÓMEZ, B.; A. CASTRO; C. JUNGHANS; L.R. MONTOYA & F.J. VILLALOBOS. 2000. Ethnoecology of white grubs (Coleoptera: Melolonthidae) among the Tzeltal Maya of Chiapas. **Journal of Ethnobiology**. 20(1):43-59.

- HANSON, P.E. & I.D. GAULD. 1995. **The Hymenoptera of Costa Rica**. Oxford, Oxford University Press, 893 p.
- HOGUE, C.L. 1987. Cultural entomology. **Annual Review of Entomology**. 32:181-199.
- HOGUE, C.L. 1993. **Latin American and entomology**. Berkeley, University of California Press, XIV + 536 p.
- JARA, F. 1996. La miel y el aguijón. Taxonomía zoológica y etnobiología como elementos en la definición de las nociones de género entre los Andoke (Amazonia colombiana). **Journal de la Société des Américanistes**. 82:209-258.
- KARADIMAS, D. 2003. Dans le corps de mon ennemi: l'hôte parasité chez les insectes comme un modèle de reproduction chez les Miraña d'Amazonie colombienne, 487-506. In: MOTTE-FLORAC & J.M.C. THOMAS (Eds.). **Les insectes dans la tradition orale**. Paris, Peeters-Selaf, VIII + 633 p.
- LENKO, K. & N. PAPAVERO. 1996. **Insetos no Folclore**. São Paulo, Plêiade/FAPESP, 468 p.
- MARQUES, J.G.W. 1991. **Aspectos ecológicos na etnoictiologia dos pescadores do Complexo Estuarino-lagunar Mundaú-Manguaba**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. 292p.
- MARQUES, J.G.W. 2002. O olhar (des)multiplicado. O papel do interdisciplinar e do qualitativo na pesquisa etnobiológica e etnoecológica, p. 31-46. In: M.C.M. AMOROZO; L.C. MING & S.M.P. SILVA (Eds.). **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro, UNESP/CNPq, 204 p.
- NONAKA, K. 1996. Ethnoentomology of the Central Kalahari San. **African Study Monographs**. 22:29-46.
- SANTOS, E. 1985. **Os insetos**. Belo Horizonte, Itatiaia, 243 p. (Coleção Zoologia Brasileira, 10).
- STURTEVANT, W.C. 1964. Studies in ethnosciences. **American Anthropologist**. 66(3):99-131.
- WASBAUER, M.S. 1995. Pompilidae, p. 522-529. In: P.E. HANSON & I.D. GAULD (Eds.). **The Hymenoptera of Costa Rica**. Oxford, Oxford University Press, 893 p.

Recebido: 13/09/04

Aceito: 26/10/04